



Universidade: presente!



XXXI SIC

21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

A Presença Soviética na África: Grande Estratégia ou Crises Administradas?

Autor: Eduardo Tomankievicz Secchi | Orientador: Prof. Dr. Paulo Fagundes Visentini | Bolsista do Núcleo Brasileiro de Estratégia e Relações Internacionais - NERINT

Introdução

A inserção soviética no sistema internacional foi marcada pelo tensionamento do Ocidente em relação à mesma. Diversos países invadiram o território russo contra os bolcheviques durante a guerra civil e, após disso, a constante ameaça de invasão marcou toda a história soviética. Foi isolada e teve que buscar o desenvolvimento autônomo de maneira única. Após sua vitória na 2ª Guerra Mundial sua inserção foi modificada e teve que arcar com os custos de uma superpotência sem possuir recursos para tal. A síntese de um país superpotência, mas com o princípio revolucionário como constituinte da sociedade originou um Estado de tipo peculiar. Inserindo-se em um sistema internacional hostil, buscou uma política externa defensiva e reativa às ações do Ocidente. No entanto, como berço da revolução, o próprio princípio constitutivo obrigava-a a estender auxílio aos revolucionários ao redor do globo. O mesmo se apresenta no continente africano. A mera existência da URSS possibilitou uma série de eventos na África, permitindo uma barganha maior destes novos estados nascentes com o sistema internacional. Analizando-se sob uma ótica materialista histórica o desenvolvimento interno dos mecanismos soviéticos de auxílio, e a atuação do país no continente, busca-se tratar a abordagem do país revolucionário para a África.

Objetivos

- Entender o padrão de inserção soviética na África na Guerra Fria;
- Descrever os mecanismos internos do país para atuação interna;

Metodologia

- Hipotético-Dedutiva** de caráter exploratório;
- Revisão Bibliográfica**;
- Análise de fontes primárias disponíveis;
- Análise de bancos de dados sobre indicadores econômicos e militares;
- Uso de **relatos biográficos** e entrevistas de terceiros.

Conclusões

- O **planejamento central** da economia gerava estoques de materiais que, por sua vez, estavam permanentemente à disposição para auxílio externo;
- Havia uma divisão do trabalho interna entre o Ministério de Relações Exteriores (Política de Estado) e o Departamento Internacional do Partido Comunista (Política Revolucionária);
- A URSS teve uma política passiva-defensiva em relação às revoluções africanas, auxiliando, majoritariamente, movimentos já consolidados no poder;
- Descompromisso de longo prazo com uma inserção estruturada no continente;
- Não construiu uma Grande Estratégia para o continente, mas buscou administrar e se aproveitar de crises localizadas, como nos casos da Etiópia e de Angola.

Referências

- BRZEZINSKI, Zbigniew. Game Plan: A Geostategic Framework for the Conduct of the U.S.-Soviet Contest. Nova York: Atlantic Monthly Press, 1986
- HALLIDAY, Fred. Génesis de la Segunda Guerra Fría. Londres: New Left Books Ltd., 1983.
- HALLIDAY, Fred. Revolution and world politics: the rise and fall of the sixth great power. London: Macmillan Press Ltd, 1999.
- KAW, Marita. Soviet support of revolutions: Neither power nor glory. International Interactions, [s.l.], v. 15, n. 2, p.95-111, jan. 1989.
- NOVE, Alec. A Economia Soviética. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1963.
- SEGRILLO, Angelo. O Declínio da URSS: Um estudo das Causas. Rio de Janeiro: Record, 2000a.
- STAAR, Richard Felix. Foreign Policies of the Soviet Union. Stanford: Hoover Institution Press Publication, 1991.